

# A influência sem angústia

*Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro\**

A justeza e propriedade da análise e interpretação do crítico literário norte-americano Bloom (1973), em sua obra "A Angústia da Influência" causou-me forte impressão e, desde que a li, me venho perguntando se aquilo que foi tão bem demonstrado na criação artística - no caso da poética - teria alguma correspondência na laboração científica. Até que ponto a influência de um pesquisador, neste, formador de "discípulos" reproduziria neste uma angústia equivalente àquela exercida sobre o poeta novo por sua matriz inspiradora. Até agora não havia chegado a uma conclusão, sobretudo porque são opostas e contraditórias as visões quando dirigidas ao passado - a herança recebida - e ao futuro - a influência exercida.

Se, do ponto de vista da evolução do conhecimento científico, sou mais traído pela concepção de "evolução permanente" defendida por Feyerabend (1975) do que

aquela da alternância de períodos "normais e revolucionários", defendida por Kuhn (1962), não posso deixar de admitir que, do ponto de vista **sociológico** da investigação científica, o papel de um professor-orientador, numa equipe de pesquisa, talvez seja capaz de gerar, pela insistência no uso de um dado paradigma, segundo a proposta de Kuhn, algo parecido àquela sensação de angústia no cientista, semelhante àquela sofrida pelo poeta novo sob o peso da matriz inspiradora. Talvez por isso mesmo, a idéia de geração de uma "escola" de investigação conduza sempre ao receio de gerar algo cristalizado por uma rotina que, por força de repetir-se, acaba, fatalmente, por estagnar-se.

De minha parte, angustia-me, passado algum tempo de minha atuação universitária, perceber ex-alunos a repetir aquilo que fiz há um quarto de século atrás. Com novos

e mais eficientes instrumentos e técnicas de análise, gostaria que, munidos destas facilidades, os meus possíveis discípulos "ultrapassassem" aquilo que pude realizar. Hoje, ao receber convites para proferir palestras, prefiro rotulá-las como "conversas" de alguém que está na condição de depor apenas como repositório de uma experiência passada. Na última delas ocorreu-me, na epígrafe, evocar Nietzsche, no final do *Ecce Homo*:

*Paga-se mal a um mestre quando se continua sempre a ser apenas aluno.*

*E por que não quereis arrancar minha coroa de louros?*

*Vós me venerais, mas, e se um dia vossa veneração desmoronar? Guardai-vos de não vos esmagar uma estátua!*

Paradoxalmente, situação oposta acontece quando volto-me ao passado e repenso a influência

provávelrecebida dos meus mestres É todo um refluxo de lembranças de minha formação de geógrafo ocorre-me neste momento ao ensejo de deparar-me com a segunda edição da tese de cátedra de um dos meus mestres

Em boa hora o Museu Paraense Emílio Goeldi, com a colaboração da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, vem de lançar a segunda edição da tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, apresentada pelo Professor Hilgard O'Reilly Sternberg, intitulada "A Água e o Homem na Várzea do Careiro", defendida no ano de 1956

Na minha formação em Geografia e História na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, tive um conjunto de professores, naturalmente heterogêneo em qualidade e, sobretudo, em grau de influência Mas dele fizeram parte figuras proeminentes, como Josué de Castro (Geografia Humana), Arthur Ramos (Antropologia), Delgado de Carvalho (História Contemporânea) Mas a grande influência foi recebida do mestre francês Francis Ruellan, responsável pela minha reviravolta da História para a Geografia. Sua atuação produziu-se ao longo dos quatro anos de formação acadêmica, tanto na Faculdade quanto no Conselho Nacional de Geografia, do IBGE, onde eu ingressara como auxiliar de geógrafo desde o segundo ano do curso (1948).

Mas em termos "relativos" - desde que num contexto restrito a um ano letivo no terceiro ano do bacharelado - o professor Hilgard O'Reilly Sternberg (Geografia do Brasil) deixou uma profunda marca em minha formação de geógrafo Um primeiro ponto favorável era a juventude do professor, não muito

distante dos seus alunos, em torno dos 20 enquanto ele estava apenas uma década a nossa frente. Além disso, a qualidade de suas aulas, o entusiasmo pela Geografia que conseguia infundir nos seus alunos, a originalidade de suas provas de aproveitamento e as tarefas complementares que nos passava, eram de tal forma originais e positivamente motivadoras que, em apenas um ano letivo de contato, ele deixou, pelo menos em mim, uma marca profunda.

O papel do mestre não se restringe à sala de aula, sendo complementada pela sua produção, principalmente aquela saída em forma de artigos nos periódicos. Naquele momento mesmo, a Revista Brasileira de Geografia do IBGE publicara um artigo do jovem professor sobre um evento calamitoso que afetara a bacia do Paraíba do Sul (Sternberg, 1949). Naquela época os estudos sobre "eventos", pelo menos entre nós, eram inexistentes, e o impacto provocado por ele foi considerável Para mim, particularmente, ele representou um esclarecimento capital, significando um verdadeiro paradigma da abordagem geográfica, em análise e síntese. Ele encontra-se entre os mais citados, senão o mais recorrente, em todas as indicações bibliográficas oferecidas a meus alunos desde a disciplina de Introdução à Geografia Física, até aquela de Análise de Qualidade Ambiental, em nível de pós-graduação. A partir de um evento meteorológico tido como calamitoso, no Sudeste brasileiro, o geógrafo Sternberg parte da análise da situação presente, recuando ao passado para explicar o acúmulo de erros no uso da terra e projeta-se ao futuro apontando as possíveis prognoses Além de ter sido o pioneiro como analista de um *evento* calamitoso - um fato

importante em nossa condição de tropicalidade - a abordagem ali feita é um modelo de análise "integrada" ou "holística" em geografia. Mesmo aos pós-graduandos com dificuldade de perceber o que seja integração, correlação e combinações complexas de fatos geográficos, eu sempre indiquei, como exemplo disto, este famoso artigo.

A tese de cátedra do Professor Sternberg sobre a ilha do Careiro, na confluência do Rio Negro como o Solimões, como área de abastecimento de Manaus, realizada no ano de 1956, iria confirmar aquela abordagem dinâmica, holística e não linear que seria a característica daquele geógrafo brasileiro

Se neste final de século a edição de teses acadêmicas ainda enfrenta dificuldades, naquele meado ainda era bem mais difícil. Elas eram apresentadas em edições dos autores em número limitado para atender à análise de Comissão Examinadora e apreciação de uns poucos colegas e amigos. E assim aconteceu com a tese do Professor Sternberg. Só os poucos, examinadores e algumas pessoas tiveram a oportunidade de apreciar aquela tese. Mas ocorreram muitas notícias, divulgadas por aqueles que tiveram a ventura de assistir à cerimônia de sua defesa no salão nobre da ex-Casa d'Itália, na Avenida Pres. Antônio Carlos, sede provisória da então Faculdade Nacional de Filosofia.

Aquele ano de defesa da Tese de Concurso de Cátedra - 1956 - aliou-se a outro evento magno na carreira do professor Sternberg, já que, no mês de agosto, ocorreu o Congresso Internacional de Geografia, da União Geográfica Internacional, pela primeira vez realizado no Hemisfério Sul Como um dos vice-presidentes da UGI, chefiando uma dedicada equipe de geógrafos, o Professor Sternberg montou, no Rio de Janeiro,

um dos mais memoráveis congressos daquela organização, ainda hoje lembrado. Naquele ano eu já me encontrava em Florianópolis, principiando minha atividade de professor na Faculdade Catarinense de Filosofia (germe da atual UFSC), tendo ido especialmente ao Rio, com uma pequena equipe de colegas e alunos, para assistir àquele congresso.

Naquele ano falar-se-ia muito sobre o concurso e tese do Professor Sternberg. Não pude estar presente, mas circulava sobre a prova de defesa uma anedota. Um dos examinadores, o Professor Aroldo de Azevedo, da USP, criticara o candidato Sternberg pela exigüidade - pequenez da área de estudo focalizada na tese, ao que o criticado respondera que tal crítica era surpreendente vinda de um examinador que fizera sua própria tese de cátedra, na USP, sobre Subúrbios Orientais da Cidade de São Paulo.

Decorreram nada menos que quatro décadas, quase meio século, para que pudéssemos apreciar aquela obra e comprovar que a excelência de uma análise geográfica não é função da área estudada (a ilha do Careiro, na tese em foco), nem do segmento temporal de um "evento" (como o forte impacto pluvial de dezembro de 1948, no citado artigo), mas sim da lógica dos procedimentos metodológicos adequados à identidade da Geografia.

Assim sendo, o principal motivo da apreciação da tese do professor Sternberg que me proponho a fazer neste artigo-resenha é, sobretudo, aquele de ressaltar este mérito capital. Mas antes de focalizar a obra faz-se necessário acrescentar algo sobre a carreira do autor e a influência que ele exerceu sobre mim, num depoimento que poderá juntar-se a vários outros casos de seus ex-alunos. O meu depoimento deve merecer um crédito especial

pelo fato de que não estive entre aqueles ex-alunos que trabalharam junto ao mestre, seja como assistentes acadêmicos, seja como membros de sua equipe de pesquisa - no Centro de Pesquisa de Geografia do Brasil da FNF- UB, por ele fundado e conduzido em seus primórdios.

Muito jovem ainda, o professor Sternberg aposentou-se e transferiu-se para os Estados Unidos, radicando-se na Universidade da Califórnia, Berkeley. Embora possa parecer um dos "cérebros evadidos" da comunidade científica brasileira, o caso do Professor Sternberg não se ajusta a este rótulo. Sobretudo pela razão de que o Brasil continuou sendo o seu objeto de pesquisa, notadamente a Amazônia brasileira, para onde, ainda hoje, ultrapassando os 80 anos de idade, ele vem, regularmente, pelo menos duas vezes por ano para suas pesquisas. Sua atuação em Berkeley - quanto em outras várias universidades do exterior onde freqüentemente é convidado como visitante - é centrada na pesquisa e ensino sobre a geografia do Brasil. Sternberg tem sido sempre um incansável estudioso e "propagandista! (no bom sentido) do Brasil, por amor ao qual ele, apesar dos longos anos de residência nos USA, jamais renunciou à sua cidadania brasileira.

Como mestre admirado e que muito influenciou na minha formação de geógrafo, ao contrário daquele sentimento que me preocupa quanto ao futuro dos meus alunos - de se libertarem de minha possível influência - esta é uma influência que, ao contrário de produzir qualquer tipo de **angústia**, é lembrada com o maior carinho. De igual modo como procedi em relação ao Professor Ruellan, dediquei-lhe uma de minhas produções geográficas (Monteiro, 1976) e procurei visitar-lhe, repetidas vezes, em Berkeley, sobretudo nos anos 70. Numa das vezes tive a ventura de ser

apresentado ao eminente geógrafo Carl Sauer, já aposentado, mas comparecendo, sempre, ao Departamento de Geografia de Berkeley. Noutra tive ocasião de participar da tradicional "feijoada" que D. Carolina, esposa do Professor Sternberg, prepara carinhosamente para os alunos daquela Universidade, ao término do curso. Da última visita, fui honrado com um passeio pelas missões californianas, vinhedos e producer markets, seguido de um piquenique na bela paisagem californiana. Sempre que possível permutamos separatas de nossos trabalhos em cujo confronto sinto-me encabulado diante da vitalidade e produtividade do mestre.

A edição lançada pelo Museu Emílio Goeldi é primorosa e compõe-se de dois volumes. O primeiro de tamanho 18 x 24 cm, com 330 páginas, ilustrado com XLVIII estampas fotográficas e 30 figuras (gráficos, tabelas, blocos e diagramas) e XIV quadros, contém o texto da tese; apresentação de Harold Sioli - um atestado de excelência, da tese e justificativa cabal de sua reedição; - o prefácio do autor para a primeira edição, com os agradecimentos de praxe; e um novo prefácio mais um posfácio à segunda edição. O segundo volume encerra a coletânea de 18 documentos cartográficos que ilustram o texto. Um esboço geomorfológico, na escala aproximadamente 1:60 000, levantado e interpretado pelo autor, ao lado daquele da utilização da terra (1:40 000), constituem os documentos cartográficos básicos, aos quais se juntam três demonstrativos de crescimento e alterações morfológicas ocorridas, dez plantas dos lotes de colonização da área de estudo, dois documentos sobre recolhimento e refúgio do gado nas alagações de 1953 e um perfil topográfico transversal da área estudada.

O planejamento gráfico da edição, creditada ao próprio autor e sua

valorosa assistente e esposa D. Carolina, é da melhor qualidade, sobretudo pela disposição das estampas e demais figuras ao longo do texto. Desde que seu número elevado poderia dificultar o seu encarte no texto, ele é feito de modo muito funcional, o que torna a leitura cômoda e agradável. Impressiona não só pela qualidade do material ilustrativo, mas, sobretudo, a "conservação" da qualidade do material fotográfico.

Um dos caracteres marcantes da presente edição é aquela de confrontar - pelo menos no essencial - aquele estudo realizado nos anos 50 com a situação atual, ao final deste século. No seu prefácio à presente edição, o autor assinala três ordens de mudanças ocorridas desde a década de 50. Aquelas advindas do progresso tecnológico nos instrumentos de pesquisa e decorrentes de tais transformações na eficácia do pesquisador são assinaladas no prefácio. No posfácio ele detém-se nas modificações ocorridas no próprio Careiro. Além desse enfoque no texto, há um precioso registro visual pela inclusão - inclusive na sobrecapa colorida dos volumes - da imagem Landsat - TM, centrada na ilha do Careiro (12 de setembro de 1989, bandas 5, 2 e 7), um instrumento de análise não disponível na época da produção da pesquisa, mas que vem ressaltar fatores capitais - geomorfológicos e hidrológicos - demonstrados na tese. Isto vem confirmar o alto valor da obra em foco que se configura

não apenas como o retrato de uma edição "datada" a serviço de uma compreensão diacrônica de um dado local de nossa Amazônia, mas a confirmação como uma contribuição "clássica" ao estudo geográfico de suas "várzeas".

A propósito, a edição inclui ainda um apêndice, elaborado pelo pesquisador Joachim Adis, sobre as pesquisas nas várzeas amazônicas, particularmente na ilha do Careiro, depois de 1956, onde são arrolados 122 títulos de trabalhos diretos ou indiretamente relacionados. Dentre estes encontram-se, além da tese em foco, mais 9 (nove) estudos publicados pelo professor Sternberg. Sem querer exorbitar de uma edição tão cuidadosa, fica-se com vontade de que ela incluísse a relação da obra publicada pelo autor, após 1956, pelo menos aquela referente à Amazônia, em seus vários aspectos e não somente aqueles sobre as várzeas.

O rótulo da tese - "A Água e o Homem na Várzea do Careiro" - reflete, na Geografia dos anos 50, aquela postura pela qual as relações entre o Homem e a Natureza eram a essência mesma daquela ciência. Uma famosa coleção editorial organizada pelo mestre Pierre Deffontaines consagra, em diferentes binômios relacionais, aquele vínculo. No Brasil, Alberto Ribeiro Lamago, doublé de geólogo e geógrafo, publicava uma série de estudos visualizados na relação binomial a partir da ação humana.

Será importante lembrar que o meado do século passado assistiu à

ultrapassagem do determinismo ambiental pelo "econômico". Muitos apontam os escritos de Griffith Taylor (1880-1963) como o último suspiro do determinismo ambiental na Geografia. Antes mesmo do final da Segunda Guerra Mundial, na Conferência de Bretton Woods (1944), a hegemonia norte-americana suplantar a da Grã-Bretanha e o próprio Congresso Internacional da UGI em Washington (1952) pode demonstrar a importância e o relevo que a "economia" passa a exercer, não só na divisão internacional do trabalho, ou seja, no poder mundial - movido pelo antagonismo capitalismo-socialismo -, mas permeando todos os campos das ciências humanas e mesmo profissões liberais<sup>1</sup>. Se o Congresso de 1956, no Rio de Janeiro, foi de suma importância para os processos dinâmicos dos ambientes intertropicais, o mundo hegemônico das regiões temperadas já embarcara completamente na onda econômica.

Se o título da tese de Sternberg poderia, de algum modo, sugerir filiação a um "modismo" da época, o seu desenvolvimento demonstra cabalmente que ela é muito avançada - até mesmo revolucionária - para os padrões vigentes na Geografia daquele momento histórico. O que está suficientemente demonstrado desde a Introdução.

Ali, naquele sumário de 26 páginas, percebe-se que se terá a ver com uma verdadeira "tese" acadêmica muito ao contrário da

<sup>1</sup> Não esqueçamos que o arquiteto MIES VAN DER HOHE, ao apresentar suas famosas torres de aço e vidro à beira do lago Michigan, declarou que "o projeto arquitetônico é a economia". Uma visão que ultrapassa aquela concepção da própria etimologia da palavra, por onde economia significa "gerir a casa".

tendência predominante de se ter como tal um estudo monográfico (local ou regional). A tese dirige-se a uma das duas ordens de paisagem da planície amazônica, aquela das VÁRZEAS em contraste com as "Terras Firmes". E a eleição do espaço que será o caso em estudo incide sobre a ilha do Careiro, onde há uma perfeita sintonia entre os aspectos humanos e naturais. Se deste lado a ilha do Careiro é uma importante feição geomorfológica na confluência dos rios Negro e Solimões, daquele outro, ela representa uma área de abastecimento da cidade de Manaus, capital do Estado da Amazônia, distante a cerca de 20 quilômetros

Para a proposta de "tese" o autor foge completamente daquela "linearidade" de abordagem geográfica pela qual se desfilava a seqüência geologia, relevo, clima, vegetação, etc., e parte, numa visão essencialmente "conjuntiva", em busca daquele elemento (ou combinação de elementos) responsável pela "personalidade" da paisagem em foco. As referências a Fox (1932) e Sauer (1941) apontadas pelo autor como apoio direto, não disfarça o que tem de "eco" norte-americano das concepções de Vidal de la Blache. No meio do século estávamos em plena Geografia centrada na concepção de "paisagem", desenvolvida geocologicamente na escola alemã e enriquecida pela ênfase na "paisagem cultural" na escola americana liderada por Sauer.

Naquela ilha fluvial ligada ao abastecimento alimentar, notadamente leiteiro, da capital amazonense, os elementos naturais são bosquejados

rápida e logicamente à procura do elemento decisivo na "personalidade" local. O clima não é visto apenas na visão estática das normais de Manaus, fornecidas pelo estudo de Schmidt (1942), mas visualizado, também, no seu aspecto dinâmico das flutuações anuais, focalizando aquele de 1953: padrão demonstrativo de um ano produtor de alagações e resfriamento capaz de produzir mortandade de peixes. Aqui o geógrafo absorve as concepções dinâmicas dos meteorologistas Serra e Ratisbonna (1941) em sua explicação do fenômeno de "friagem" na Amazônia. A exemplo do que já fora demonstrado no seu referido artigo sobre a bacia do Paraíba do Sul (Sternberg, 1949), o autor reafirma a importância das episódicas ondulações climáticas<sup>2</sup>. Não foi difícil ao autor decidir-se - e convencer os seus leitores - sobre a importância das ÁGUAS no caso local. Ali o hidrológico supera o climatológico, desde que as águas fluviais assumem a dinâmica dos processos geomorfológicos, e os seus contrastes marcantes - "cheias - vazantes" (Figuras 1a e 1b), mais "águas claras e escuras" - são decisivos em estabelecer, pela relação humana a este traço da personalidade natural, na ilha do Careiro onde o povoamento e o uso da terra foram guiados por outra dualidade, o confronto dos paranás do Careiro e do Cambixe.

A delimitação da área de estudo é feita cuidadosamente, dos pontos de vista natural, cultural e

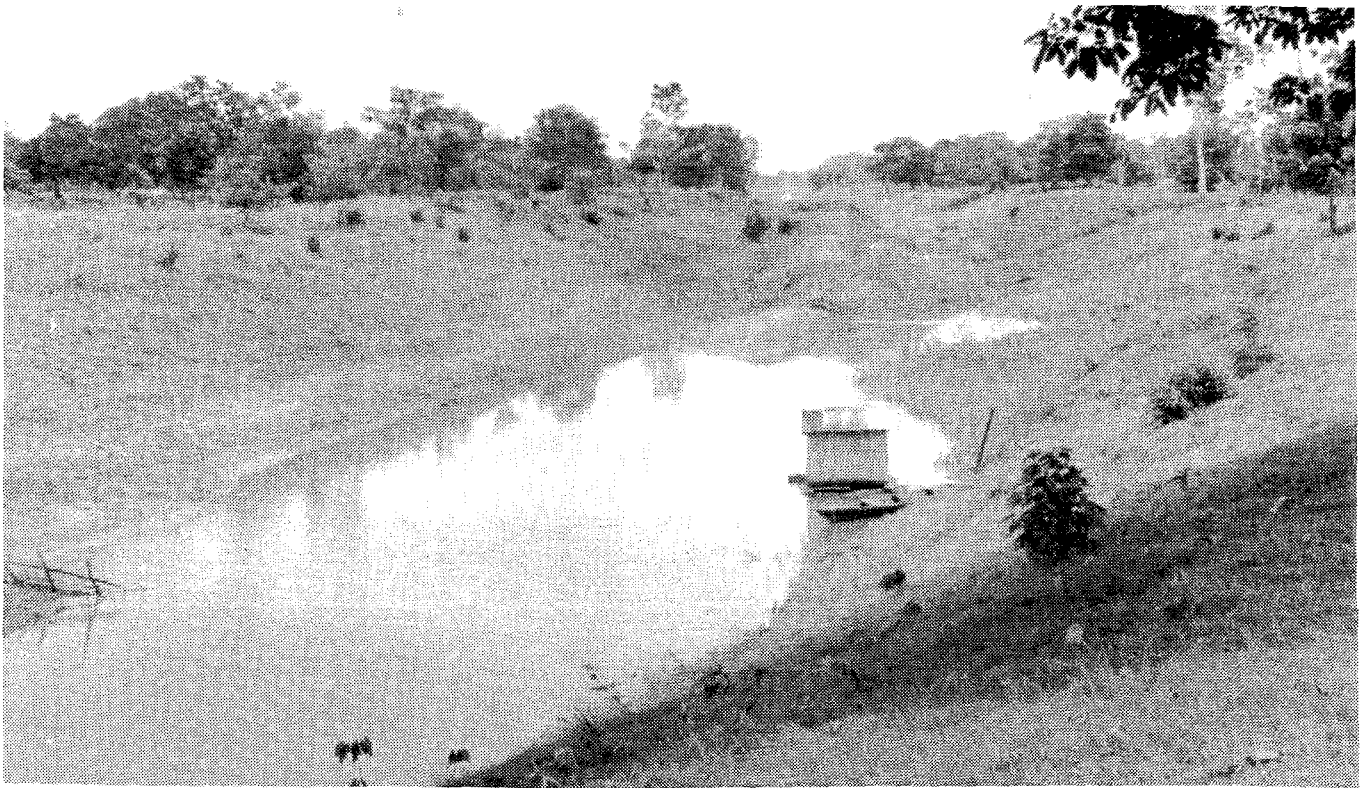
administrativo. Após delinear os termos do binômio - água e homem - o autor elege a atividade criatória, a mais característica das várzeas do Careiro, como meio de avaliação daquela integração geográfica.

Refletindo sobre a maneira composta e complexa da delimitação da área em estudo e, sobretudo, o entrelaçamento das tramas do natural e do humano, ocorre-me a lembrança um conselho de KÖPPER (1902-1994) em não se trabalhar com conceitos rígidos e fechados, utilizando - para sorte nossa de geógrafos - o conceito de "dunas". Toda essa preocupação de Sternberg em caracterizar a "paisagem" em estudo assenta com perfeição àquela de "geossistema", pelo menos na concepção que eu tenho procurado conferir a este paradigma em via de elaboração<sup>3</sup>. Importa menos o "rótulo", pois o raciocínio lógico que preside a concepção é equivalente. O que representa mais um atributo à caracterização da "perenidade" metodológica da tese de Sternberg.

Caracterizada a área de estudo e as premissas da tese, fica ressaltado que a paisagem do Careiro, como expressão das várzeas amazônicas, tem sua personalidade assegurada pela dinâmica das águas, o que lhe confere má personalidade bipartida - uma dupla personalidade - pelo contraste que exhibe graças à variação sazonal entre enchente e vazante. Associando-se a esta variação temporal

<sup>2</sup>Uma outra marca sobre minha evolução geográfica. Se Maximilian Sorre forneceu-me a fundamentação teórica para o paradigma da "análise rítmica" em climatologia, isto foi reforçado pela demonstração prática de Sternberg no caso brasileiro

<sup>3</sup>MONTEIRO, C. A. de Figueiredo "GEOSSISTEMA: a Estória de uma Procura" Inédito. Produzido em 1994, atualmente no prelo



**Figuras 1a e 1b** - O Paraná do Cambixe, em plena enchente (2 de julho de 1953), e o mesmo trecho, durante uma vazante (18 de setembro de 1952). Progressivo assoreamento impede, na época da estiagem, a exportação pelo rio dos produtos regionais (Foto Sternberg).



aquela outra, de ordem espacial que a ilha do Careiro, na confluência mesma do Negro com o Solimões, apresenta em outra dualidade básica - aquela das águas pretas e brancas. Do ponto de vista da ocupação humana e uso mais característico da terra, outra dualidade se impõe: aquela entre os paranás do Careiro e do Cambixé, cujas diferenças em ordem de grandeza (largura, profundidade, diferenças entre cheias e vazantes) servem bem a avaliar as estratégias de ocupação humana.

Mergulhados sob uma mesma realidade climática, terras firmes e várzeas, estas últimas estão submetidas a profundas diferenças impostas pela dinâmica fluvial (hidrológica) de tal modo que este atributo aflora, de imediato, como sendo do mais alto e discernível dos valores geográficos da área. A água assume a função de "agente geomórfico fundamental", já que o escoamento e carga sedimentar - ao sabor das flutuações episódicas - geram as feições geomorfológicas em diferentes graus de consistência, numa paisagem como que "em fazimento", sobre as quais a implantação humana e uso da terra vão condicionar estratégias peculiares e diferenciadas.

Assim a primeira parte do estudo é dedicada a **ÁGUA E O PRODUTO DE SUA ATIVIDADE GEOMÓRFICA: A TERRA**. Diante de uma tal complexidade - quando mais não seja pela grandiosidade escalar dos fenômenos amazônicos e a insuficiência dos meios de análise - o que mais surpreende nesta abordagem é a preferência do geógrafo pela apreciação conjuntiva, relacional e integradora, desprezando o encaminhamento "linear".

A sintonia entre o conhecimento (daquela época) da circulação atmosférica e os regimes pluviiais desde a escala macrorregional à local confere ao nível das águas o vetor básico àquela análise. Diante da inexistência completa (àquela época) de dados de vazão, os níveis fluviométricos emergem como referencial básico. O autor utiliza

os registros de meio século de observações e registros do Serviço Hidrométrico da MANAUS HARBOUR LTDA (1903 - 1955). Já que a proximidade (vinte e quatro quilômetros) do porto da capital configura-se como um referencial válido, toda a documentação e ilustração apresentadas na obra exibem o nível relativo à cota média das águas. Gráficos e tabelas dos dados facilitam a compreensão global que a descrição ao longo do texto enriquece em explicações.

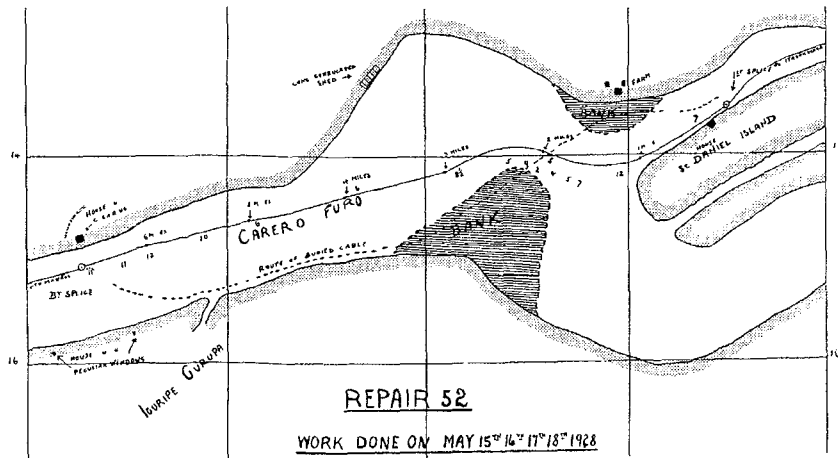
Numa dinâmica fluvial tão complexa, geradora de formas variadas em "acrêscimos" e "desmoronamentos" o pesquisador mobiliza todas as possíveis fontes de informação. Das narrativas dos viajantes, registros cartográficos ao longo da história regional, perpassando pelos séculos (Orellana, 1542; Mendonça Furtado, 1754; Lacerda e Almeida 1780; Otto Michael, 1886; Pena Mello, 1935, etc.), são extraídos informes relativos à região da ilha do Careiro - anteriormente designado como UAQUIRI (designação remanescente em um dos seus lagos) que, graças às águas brancas do Solimões, após a escassez contrastante com as pretas do rio Negro, revela-se em carta de 1781 como "Pesqueiro Real".

A qualidade das águas é motivo de atenção especial, em composição, carga de sedimentos, capacidade biológica, acidez, pesca, fertilidade e salubridade (vetores no caso da malária). Há um interessante experimento comparativo com desenvolvimento de arroz plantado em diferentes amostras de solo, coletadas em julho de 1950, analisadas pela colaboração do Centro Nacional de Estudos e Pesquisas Agronômicas da Amazônia. Diante de uma morfologia tão complexamente mutante, ao sabor da dinâmica das águas alternando-se em vazantes e alagações, é notável a capacidade do geógrafo em suas observações diretas no campo, fotografando os fatos significativos;

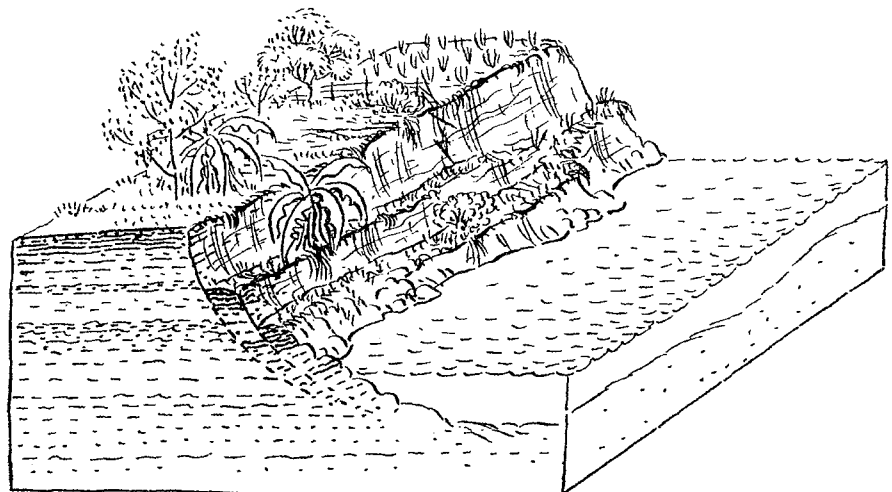
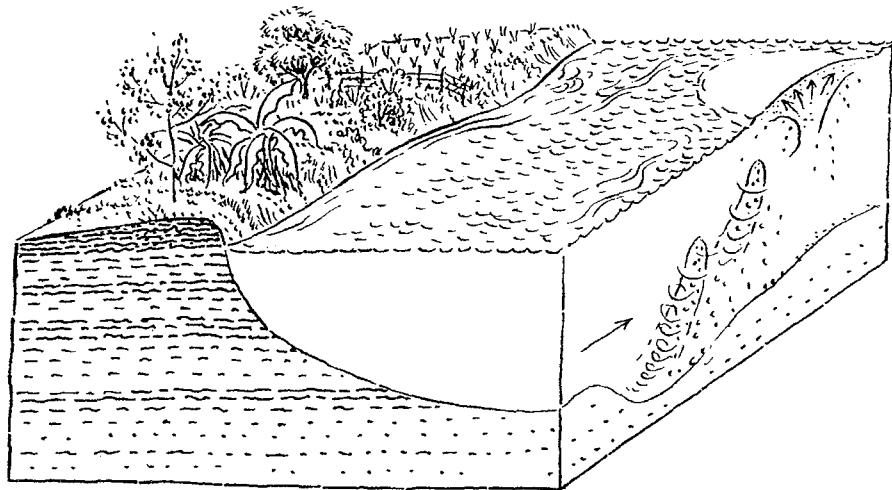
indiretas, pelos mosaicos de aerofotos, com cuidado de confrontar suas interpretações advindas da prática de campo com os preceitos teóricos nos tratados e artigos de Geomorfologia mais valiosos. E nota-se uma permanente preocupação em comparar os fatos varzeanos observáveis no Careiro com outros casos das várzeas de rios da Bacia Amazônica, ao mesmo tempo em que procura confrontar atributos hidrológicos do Amazonas com outros grandes rios, notadamente Congo e Nilo. A capacidade de descobrir e explorar dados persegue até as sondagens feitas pelo navio cabográfico da extinta The Amazon Telegraph Co. Ltda. Para esclarecer a dinâmica dos "acrêscimos", como o caso da praia da Justina (Figura 2). Justificados anseios do pesquisador em perscrutar aquela "inconstância tumultuária" (Euclides da Cunha) vigente nas terras aluviais da Amazônia. O fenômeno das terras caídas é objeto de atenção especial na observação direta do autor, fotografado e representado o fenômeno em didáticos blocos-diagramas (Figura 3).

A acuidade científica do geógrafo vai até ao ponto de explorar fatos arqueológicos - associados às "terras pretas" com cascalheiros e restos de cerâmica, coletados por ele ou cedidos por colecionadores no Careiro - sobre o que, ressalvadas todas as possíveis limitações apontadas cuidadosamente pelo autor, importa destacar o aspecto pioneiro, pelo menos no domínio de nossa geografia, em mobilizar um significativo arqueológico, como enriquecimento da análise geográfica numa visão que além de altamente holística, é demonstrativa de conferir importância à prática interdisciplinar.

Malgrado as múltiplas dificuldades o autor consegue convencer o leitor sobre a hegemonia hierárquica da água na personalidade geográfica da várzea amazônica focalizada na ilha do Careiro.



**Figura 2** - Croquis cartográficos executados a bordo de navio cabográfico da Amazon Telegraph Co Ltd, na ocasião de um conserto no cabo telegráfico, soterrado pelo avanço de uma praia ("Bank"), de uma e outra margem do Careiro. O significado do ocorrido, do ponto de vista geomorfológico, é que assinala a formação de um meandro - o único nesse paraná. A praia que da margem direita cresce em direção nordeste  a Praia da Justina. O Professor Sternberg utiliza documentos como este e outros encontrados fortuitamente, para registrar e datar alterações resultantes da dinâmica fluviomorfolgica. Linha cheia, cabo colocado, linha tracejada, cabo retirado.



**Figura 3** - Primeiro e último bloco-diagrama de uma seqncia que indica o papel da macroturbulência no fenmeno das "terras caídas". Concepção de Sternberg e execução de Percy Lau.



## II

Indicados os principais traços da região do Careiro - produto dinâmico da ação geomórfica da água - o autor passa a análise do segundo elemento do binômio enfocado no título da tese, ou seja o Homem:

*... pois a fisionomia do Careiro é também produto do seu trabalho. A paisagem é, com efeito, uma configuração nova, resultante do entrelaçamento de elementos de ordem cultural com o arcabouço físico-geográfico original. Cada combinação leva marca das concepções, das tradições, dos conhecimentos, de que é portadora a comunidade humana que nela atua". (Sternberg, p.125)*

Para tanto toda a segunda parte da tese - O Povoamento - é dedicada à pesquisa histórica de como, no suceder dos tempos, aquela área próxima a Manaus e ligada ao seu abastecimento, foi teatro da ação de diferentes grupos e os vestígios ou marcas de sua atuação. Num primeiro momento o foco é dirigido ao passado que antecede a chegada do europeu, assinalado pelas "terras pretas" ricas em cerâmicas indígenas, bem como aos relatos de viajantes que registravam presenças de tribos que se alternavam naquela área de confluência do Negro no eixo Solimões - Amazonas. Situação que se estende até o Século XVIII, naquela condição de coleta, nomadismo, lavoura itinerante, quando a terra era sem dono e flutuava ao atropelo de grupos indígenas variados, dentre os quais os Mura tiveram atuação destacada.

A ocupação efetiva só irá produzir-se após a Independência, quando, avançada a penetração povoadora no rio Negro, a região de sua confluência vai registrar a posse da terra pelas primeiras "cartas de

data", concedidas entre 1829 e 1847. O meado do Século XIX já exhibe casos de "turbação de pone" e disputa de terras, inclusive com reclamações indígenas. O autor procede a séria pesquisa no arquivo público do Estado do Amazonas para ilustrar este momento de implantação sedentária no Careiro.

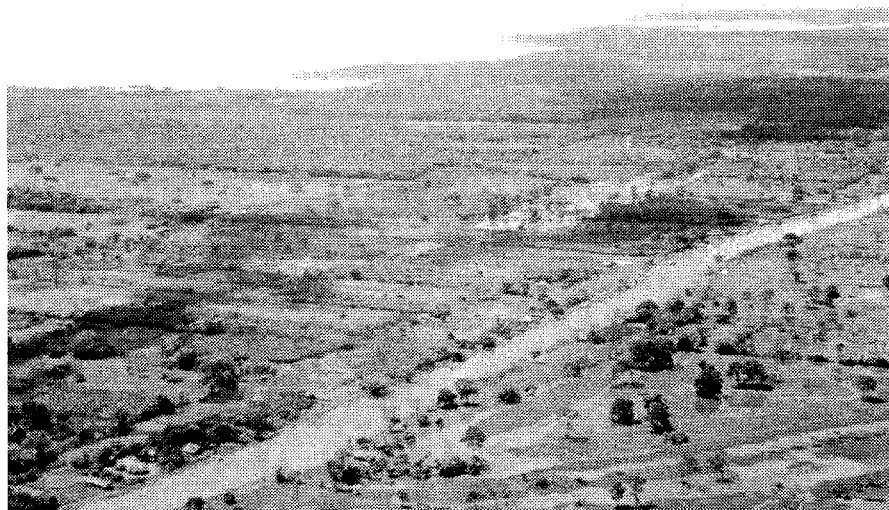
Mas a fase fundamental do povoamento do Careiro é conduzida pela incidência das grandes secas do final do século no Nordeste, propiciando as levas de cearenses que efetivaram a ocupação. Se aquela de 1878 - 1879 desencadeou as primeiras levas, aquela de 1888 - 1890 conduziu o fluxo mais numeroso e decisivo.

Cuidadasas investigações nos arquivos de Manaus e de Fortaleza são conduzidas pelo autor no afã de fornecer-nos um panorama mais compreensivo, separando aqueles fluxos de retirantes que se dirigiram para os seringais do Alto Amazonas (Acre) e aqueles que se ativeram à ocupação agrícola do Careiro. Se bem que aquelas levas, conduzidas oficialmente pelos governos do Ceará e do Amazonas, para ocupar o

Careiro, viessem a receber elementos desiludidos com os seringais.

O estabelecimento oficial da Colônia Treze de Maio, cujas primeiras demarcações datam de janeiro de 1840, é acompanhado pelo autor, fornecendo tabelas e gráficos aliando os fluxos migratórios associados à seca em confronto com as populações do Ceará e do Amazonas - nos recenseamentos de 1890 e 1950 - caracterizando porcentualmente aquele associado ao povoamento do Careiro na virada do século.

Da pesquisa histórica e análise demográfica, passa o autor a focalizar a implantação humana, ressaltando, desde o início, os primeiros choques culturais advindos do contraste climático entre Nordeste e a Amazônia brasileiros. Passando do passado histórico à situação vigente em 1950, o autor ocupa-se do quadro de um Careiro, balizado pelos dois eixos representados pelos paranás do Careiro e do Cambixe, concernente a cerca de seis mil moradores, distribuídos em menos de mil domicílios (1949) colocados geralmente em posição "justafluvial" (Figura 4). Uma meticulosa análise de campo,

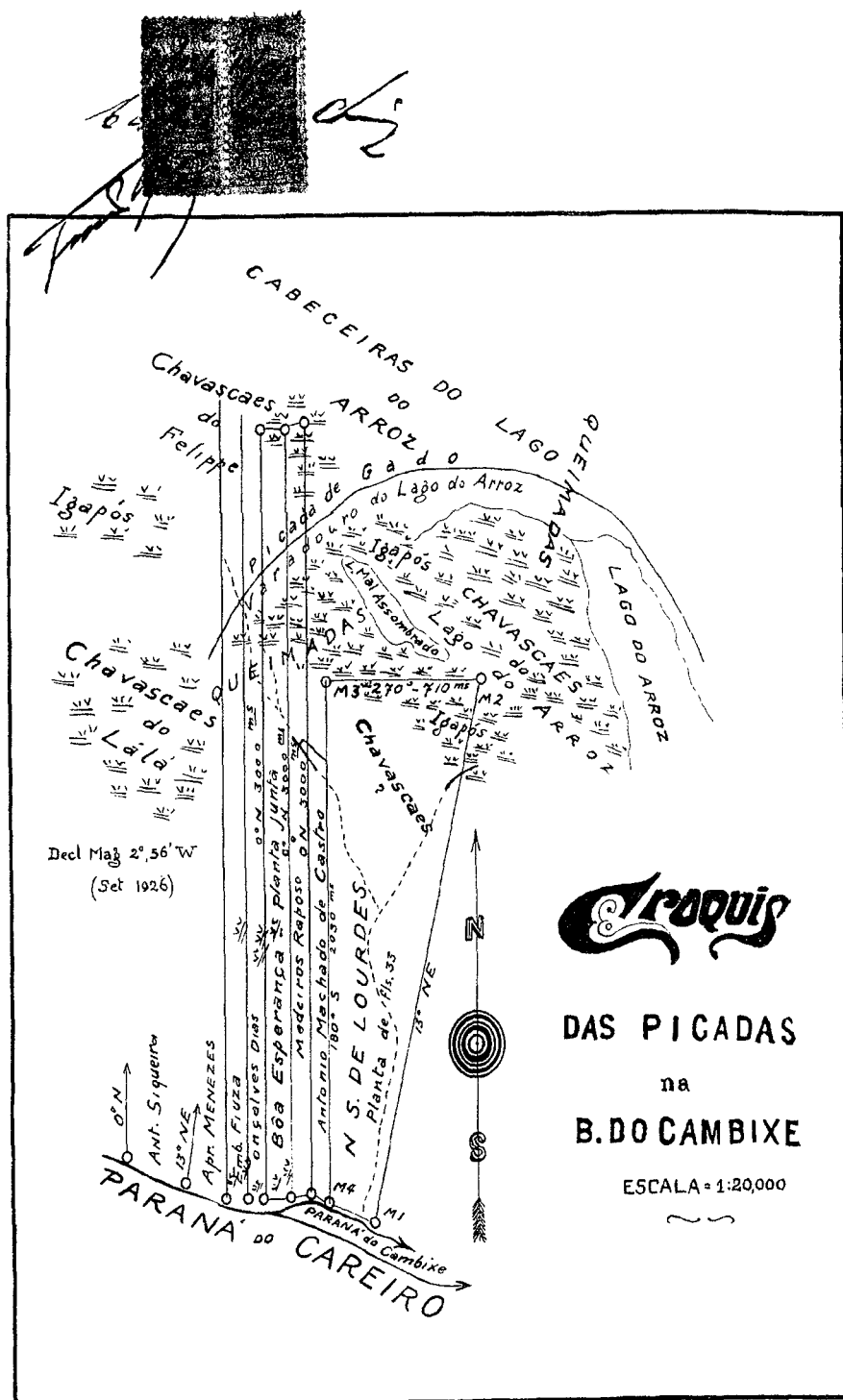


**Figura 4** - O Cambixe, braço que deflue do paraná do Careiro, se desenvolve por mais de 20 Km à ilharga deste e retorna a ele 20 Km a jusante. Neste trecho, as terras baixas da margem direita (primeiro plano) são aproveitadas principalmente para o apascentamento do gado. Nas restigas justafluviais da margem oposta, adensam-se habitações e lavouras; à retaguarda delas, sucedem-se pastagens, matas (inclusive igapós) e, por fim, o complexo lacustre do Lago do Rei (último plano). (Foto Sternberg).

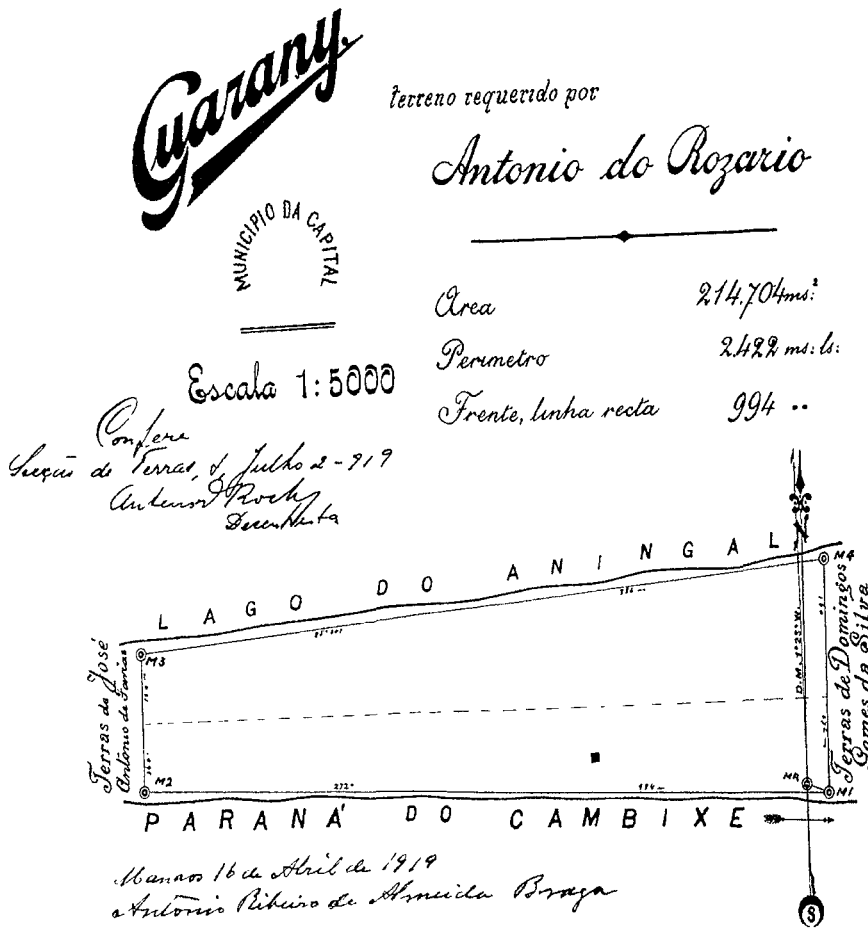
auxiliada por mosaico de aerofotos (da época), permite ao autor ir distinguindo padrões de ocupação, diferenças de disposições ao longo dos eixos dos dois paranás básicos, mais os igarapés e lagos a eles subordinados. O esboço geomorfológico ao lado daquele do uso da terra são documentos básicos graças aos quais se poderá perceber o aparecimento de padrões de povoamento gerados por influências culturais dentro de molduras oferecidas pela geomorfologia que, acima de tudo, é extremamente dinâmica, graças ao comportamento das águas. A configuração da base fundiária - atentamente analisada e classificada numa bem elaborada tipologia de lotes (retangulares, trapezoidais e poligonais) é associada à taxonomia de formas fluvio-morfológicas de primeira e de segunda ordem de grandeza (Figuras 5 e 6). É incessante a dinâmica das águas: a erosão, levando à redução da propriedade, como é o caso da Fazenda Boa Vista, em contraste com os "acréscimos", que redundam em ampliação dos terrenos, como é o caso da Justina.

A padronagem dos diferentes usos da terra, exibidas didaticamente em mosaicos de aerofotos nas estampas, é sintetizada por meio de convenções especiais na carta de uso da terra, possibilitando uma visão de conjunto.

Toda uma tradição cultural de cearenses ligados a uma realidade climática semi-árida transposta para um meio onde a ação das águas conduz a uma realidade quase anfíbia, naquelas várzeas, requerei um penoso e lento aprendizado. Os solos marginais - o frontão dos lotes - em solos mais fáceis de trabalhar, fertilizados pela deposição recorrente de carga aluvial em contraste com aqueles de solos mais compactos e mais ácidos da retaguarda, é uma realidade especial a que se junta, obrigatoriamente, aquela realidade



**Figura 5** - Onde ocorre temporária estabilidade na posição dos cursos d'água divagantes, a faixa de terras justafluviais é favorecida pela prolongada decantação de sedimentos carreados pelas águas transbordadas. A restinga se torna larga, nela os lotes podem alongar-se perpendicularmente à margem, chegando a adentrar-se 2.000, 3.000 ou mais metros (v.g. lote Souvenir, 4 000m de fundo) até os baixios centrais (lagos, igapós, chavascais). Entende-se que, dada a valorização dos terrenos na restinga alta, já pela própria posição beira-rio, já por serem mais elevadas e mais aptos para a agricultura, muitas propriedades sejam desproporcionalmente estreitas. Escala reduzida aqui para, aproximadamente, 1: 25.000



**Figura 6** – Nos casos em que a deposição de sedimentos extravasados do álveo foi insuficiente para altear na várzea mais que uma estreita faixa aluvial (restinga), é comum o lote estender-se ao comprimento desta e ter de fundo apenas a largura da mesma, como no caso do terreno “Guarany”. Escala reduzida aqui para, aproximadamente, 1:8.500.

temporal que obriga o calendário agrícola a ajustar-se às pulsações das águas.

O cultivo da mandioca, base da alimentação e herança cultural desde a raiz nordestina, tem que se adaptar ao ritmo da descida e subida das águas nas vertentes. O cultivo da juta, favorecido pelas alagações, é uma adição “comercial” complementar a subsistência. Os consórcios, seringa, cacau e banana, são outra complementação à subsistência, bem marcada na paisagem, nas “restingas altas”.

Mas a base econômica do Careiro é o criatório que merece a

meticulosa análise desenvolvida na terceira parte da obra.

### III

A região do Careiro após passar por duas atividades em sua economia - aquela principiada no Século XVIII como “Pesqueiro Real”, para suprir as deficiências das águas pretas do Negro e o abastecimento de Barcelos, a antiga capital do Amazonas, ali favorecida pelas águas brancas do Solimões, armazenadas nas lagoas interiores e aquela da produção agrícola almejada pelos lotes coloniais

implantados em meados do Século XIX, chegaria a ter na atividade criatória o futuro da economia no meado do Século XX.

A Vila da Barra, geradora de Manaus, a nova capital, iria direcionar a criação do gado para o seu abastecimento. O povoador cearense, tangido pelas secas, embora em condições naturais muito diferentes, dispunha de uma experiência sertaneja de criatório que, pouco a pouco, foi se instalando e amoldando-se às flutuações das águas

O autor preocupa-se em apontar o contraste desta mancha de criatório varzeano, e aquelas duas mais destacadas na pecuária amazônica: Marajó e Alto Rio Branco. Enquanto nestas foram aproveitadas manchas campestres - alagadiças em Marajó e de seca associada a campos cerrados no Rio Branco - a mancha pecuária do Careiro foi conquistada à mata, gerando pastagens que, como tudo na região, ficariam submetidas à dinâmica da flutuação das águas.

Na época da realização da pesquisa, o rebanho do Careiro girava entre sete a oito mil cabeças de gado. O autor aborda cuidadosamente a natureza das pastagens, que após a queimada anual da mata primitiva - as “caciaias” - (Figura 5) são constituídas por espécies nativas (na maioria) e “de planta”, caso do capim colônia, ou Angola (Panicon Perfurascem Raddi), mais resistente às alagações anuais. Na época das águas, as forragens das espécies aquáticas, marginais aos rios ou aos lagos interiores - especialmente “canarana” e “membra” - são utilizadas. A distribuição espacial do criatório na ilha do Careiro concentra-se mais expressivamente em sua porção meridional, ao longo dos paranás paralelos do Cambixe e do Careiro. O autor preocupa-se em

caracterizar os contrastes e semelhanças entre os dois eixos, localizando na carta do uso da terra e descrevendo os principais tratos. Espacialmente, exibe plantas representativas do padrão mais característico, como aquela da Fazenda "Souvenir", enquanto o calendário é minuciosamente acompanhado, ao longo do ano, segundo a fatal dualidade cheia-vazante e as ocorrências extremas das grandes "alagações" (Figura 7). Neste particular, o pesquisador foi favorecido pela ocorrência daquela de 1953 - no próprio período da investigação (1950-1956) e complementadas por referências e dados referentes àquelas de 1934 e 1944<sup>4</sup>.

A qualidade do rebanho, a partir do "pé duro" crioulo, passando ao raceamento com matrizes italianas e holandesas - desenvolvidas no período do fastígio econômico da borracha - após o que, em decadência, até que, a partir de 1930, a criação de "estações de monta," nas áreas de pecuária do Amazonas, passou a introduzir melhoras com gado limusino e sobretudo holandês (o que registra melhor adaptação) não escapando também do grande fluxo de mescla com gado indiano a partir dos anos quarenta.

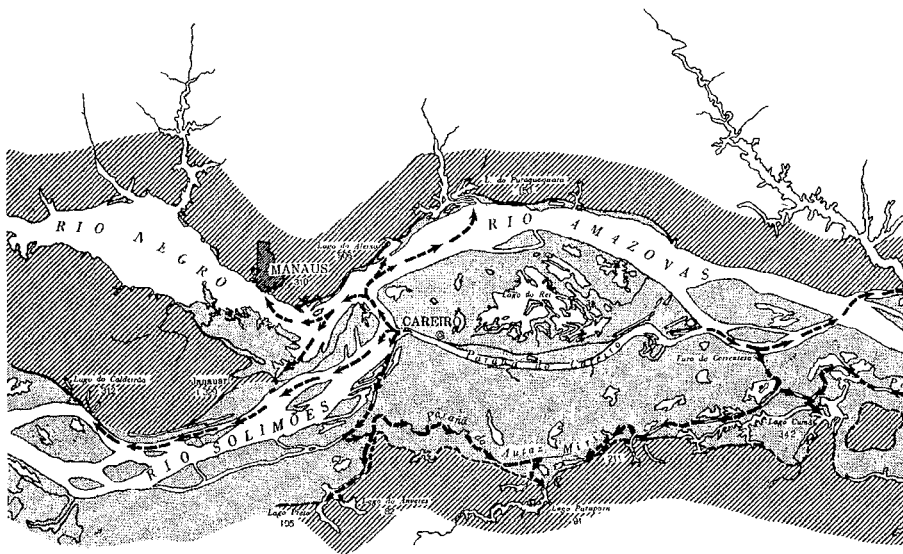
A lida com o gado ao longo do ano é vista entre as situações extremas de agosto, quando o gado vai para o lago interior para a engorda, até sua saída em fevereiro, quando parte é vendida para o corte, conservando-se especialmente as novilhas e vacas leiteiras - já que a produção de leite e derivados, destinados ao abastecimento de Manaus, é o cerne econômico daquele criatório:

*A afirmação de que a região do Careiro se dedica à atividade criatória, não a caracteriza suficientemente. O que dá individualidade à estrutura econômica regional, levando seus habitantes, mais de uma vez, a conjugarem esforços em organizações cooperativas ou sociedades comerciais. É o fato de que a criação no Careiro se destina, principalmente, à produção de leite e derivados. (Sternberg, p. 211).*

Assim sendo, o criatório no Careiro, sem ignorar a existência e relações com os aspectos complementares de corte e engorda (invernada) enfatiza o papel primordial de "bacia leiteira".

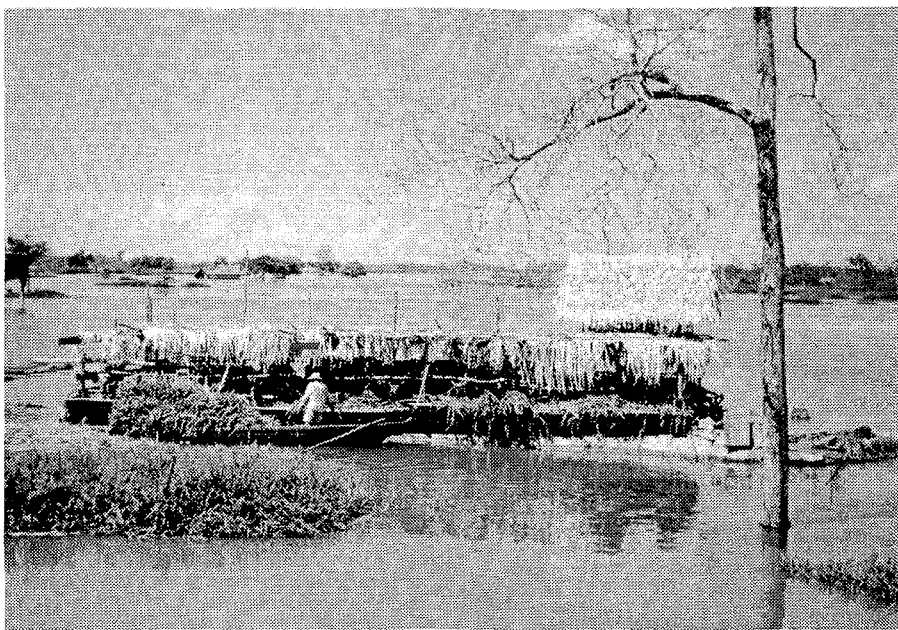
Uma das peculiaridades do criatório na várzea, em face da dinâmica das águas, é aquela que se observa na paisagem como "edificação", ligada à necessidade

de estabelecer o gado nas peculiares "marombas" (Figura 8) que são analisadas em seus diferentes tipos: de aterro, com base fixa de alvenaria; de soalho - em forma de estrato soldado sobre esteios e muito variadas em forma - as mais frequentes, e as flutuantes, as menos usadas. Sua descrição minuciosa, retrata a estrutura básica da atividade, cujo processo é descrito com propriedade em toda sua complexidade dinâmica e ilustrada por farto material fotográfico de qualidade tal que a função documental não despreza - antes persegue - a qualidade estética. Algumas estampas (como aquela aqui reproduzida na Figura 9) são de enorme beleza. E o caráter deste material ilustrativo, pela qualidade da seqüência, dá ao leitor a sensação da dinâmica de um filme.



**Figura 7** – Trecho do mapa levantado por Sternberg, figurando o gado retirado da várzea do Careiro-Cambixe para refúgios na terra firme (hachurado), durante a alagação de 1953. O mais longo percurso foi o do rebanho criador que removeu o gado para outra sua propriedade na região de Maués, distante cerca de 150 Km. O maior rebanho pertencente a um só proprietário parece ter sido o de 302 cabeças, transportado para a terra firme no Janauari, onde se juntaram mais de mil bovinos. Escala reduzida aqui para cerca de 1: 750 000.

<sup>4</sup> Em estudo posterior a esta tese, ALDAZ (1971), tratando da "Caracterização Parcial do Regime de Chuvas no Brasil", fornece um elemento de comparação para a interpretação do relacionamento pluvial e fluvial na Amazônia, bem como para a constatação de que, na extensão do território brasileiro, há sensíveis diferenças regionais. As "anomalias" fluviais são válidas ao mesmo tempo para a Amazônia e o Sudeste, por exemplo.



**Figura 8** – A pecuária é responsável pelos dois traços mais característicos da ocupação humana na paisagem careirense: a pastagem conquistada à mata, e a estrutura em que o gado é abrigado durante as enchentes, isto é, a “maromba”. Desta, há vários tipos: a de aterro, a de assoalho, e a flutuante, como a retratada aqui. Com o aumento do rebanho de corte, em relação ao leiteiro, e a aquisição generalizada de propriedades nas terras firmes, expressamente para abrigar o gado durante as enchentes mais ameaçadoras, muito diminuiu o número de marombas na paisagem. (Foto Sternberg)



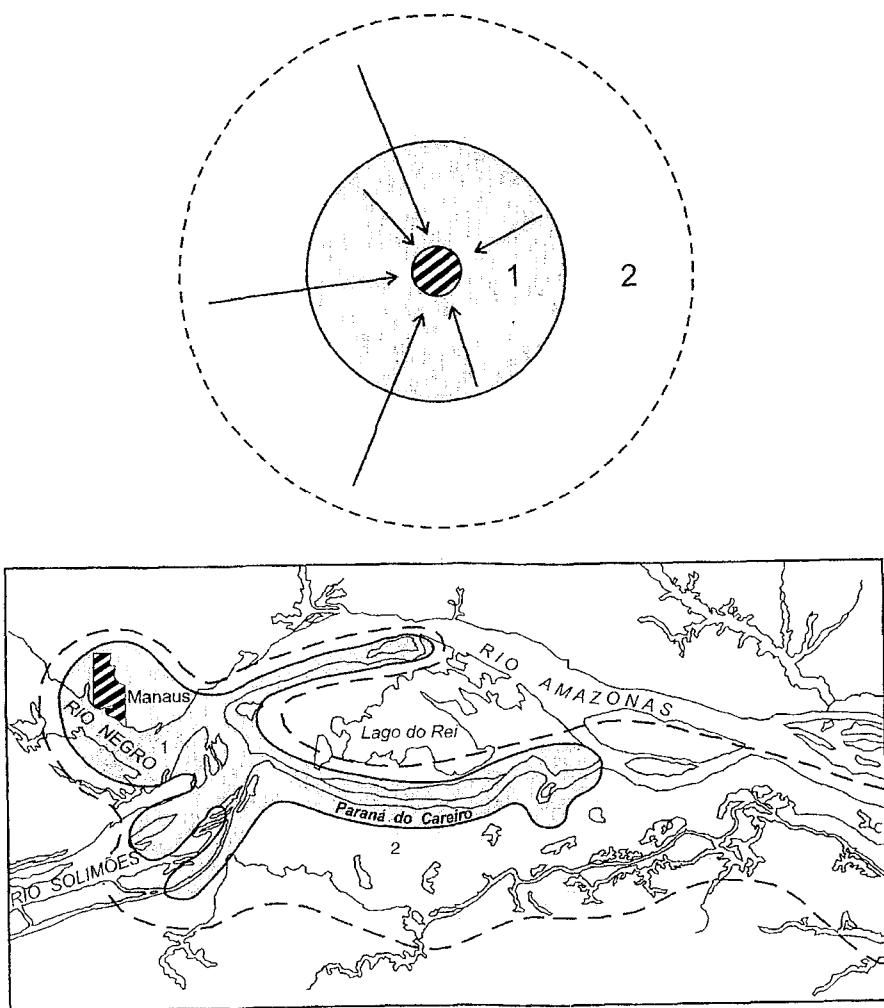
**Figura 9** – Gado do Careiro, retirado da várzea alagada durante a maior enchente registrada (1953) e recolhido em refúgios a cavaleiro das águas. Não havendo, nos solos pobres de terra firme, pastagens adequadas ao apascentamento do gado, é este sustentado por canoadas de capim, forrageado pelos “capineiros” nas chamadas águas “brancas”, ricas de nutrientes. (Foto Sternberg).

A análise da produção e comercialização do leite e seus derivados nesta bacia de Manaus é minuciosa tanto sob aspectos técnicos quanto econômicos. E há que se fazer, a este propósito, um importante registro. Antecedendo de muito a dita “revolução teórica” que assolou nossa geografia nos anos 70, Sternberg, com muita propriedade, emprega recursos teóricos na retratação da bacia leiteira em foco. A Figura 10 apresenta-nos um “modelo” bastante esclarecedor que, se antecipando à futura onda “teórica,” não ignora uma preciosa contribuição geográfica utilizada na Geomorfologia por Davis (1899) na virada do século e na economia por Christaller (a partir de 1933), um geógrafo que contribuiu significativamente para as teorias localizacionais na economia. E naquele meado de século, Waibel (1948) relembra, em artigo na Revista Brasileira de Geografia, a teoria de Von Thunen, outra matriz nas teorias localizacionais. Sempre antenado com a produção geográfica, Sternberg não precisaria esperar pela tal revolução teórica, duas décadas depois

#### IV

Consubstanciando a propriedade de sua natureza como “tese” as conclusões, em vez de um alinhavo de tópicos recapitulantes e sumariamente do discurso, apresentam-se como demonstrativos da validade da tese proposta na Introdução. E ainda expõe os aspectos lacunários, e aponta a carência de informações que escapam aos recursos do geógrafo pesquisador e requerem a ação do poder público.

E ao refletir sobre a tese em foco e a seqüência da ação do seu autor, não posso deixar de lembrar da insistência do nosso escritor



**Figura 10** – Em cima, disposição concêntrica das faixas produtoras de leite (zona 1) e de manteiga e queijo (zona 2), num espaço ideal, física e culturalmente uniforme. Em baixo as mesmas faixas assumem aspecto digitiforme, quando o modelo é transformado pela heterogeneidade do meio físico e cultural real, ao redor de Manaus.

Guimarães Rosa, sobre a preponderância da travessia sobre a chegada final.

As lacunas e problemas encontrados pelo geógrafo Sternberg foram motivo de estímulo para impulsionar e ampliar o seu interesse sobre a Amazônia e um forte empenho para preencher lacunas importantes existentes. O melhor exemplo deste esforço encontra-se na atuação e empenho do

pesquisador brasileiro em unir esforços com outras instituições do exterior e conseguir as primeiras medidas de vazão - líquida e sedimentológica - no sistema fluvial amazônico (1958 - 1960) e a continuidade delas, conforme relato no Prefácio à presente edição.

A tese, com suas conclusões e problemas levantados foi um marco, mas não um fim no interesse de Sternberg na Amazônia. Há toda

uma série de pesquisas que se continuaram e deram margem a muitas comunicações e artigos<sup>5</sup>.

No prefácio a esta nova edição, assim como no posfácio, o autor - que não alterou o conteúdo da tese original - preocupa-se em apontar as mudanças substanciais e as diferenças de forma, estrutura e função, que se encontram na região do Careiro. No prólogo aprecia o progresso terminológico nos instrumentos de pesquisa e aquelas relativas à repercussão daqueles acréscimos na eficácia do pesquisador. No fecho ele detém-se - embora de maneira concisa - em apontar as modificações ocorridas no próprio Careiro, tanto do ponto de vista de dinâmica dos processos naturais, quanto daqueles socioeconômicos.

Esta preocupação ressalta, ainda mais, a avaliação daquela análise geográfica como "exemplar," posto que em qualquer lugar do mundo a mobilidade na natureza e nas sociedades implicam em mudanças. As mudanças no instrumental de análise - na evolução do pesquisador e na própria região em estudo - não invalidam aquilo que presidiu a análise naquele segmento temporal pretérito - ou seja, a lógica da investigação e sua fidelidade à verdadeira identidade da Geografia.

No prefácio atual, o autor, ao avaliar estas mudanças e o panorama atual da produção geográfica, constata e lamenta que alguns grupos de geógrafos perderam a "velha bússola" (melhor seria dizer a "legítima") promovendo uma conseqüente - "falta de rumo - no que concerne aos fundamentos lógicos,

<sup>5</sup>Quando escrevi o meu opúsculo: MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. A Questão ambiental no Brasil 1960-1980 (1981), com um capítulo focalizando a Região Amazônica, pude beneficiar-me de alguns trabalhos do Professor Sternberg. Em se tratando de abordagens que transcendem ao âmbito das várzeas, não se encontram arrolados na relação preparada por ADIS e incluída em anexo a esta segunda edição da tese.



ao objeto e à metodologia da disciplina, fere a integridade da Geografia contemporânea, na qual suscita verdearia crise de identidade".- e aponta os descaminhos "politicamente corretos" E revolucionários apontados como "dernier cri" de um caleidoscópio geográfico esdrúxulo e por vezes, cômico<sup>6</sup>.

Acredito eu que a aceleração dos progressos tecnológicos e sua acumulação neste final do Século XX, desacompanhadas dos necessários fundamentos filosóficos - cujo tempo de desenvolvimento não acompanhou aquele da ciência e tecnologia modernas - gera aquilo que se configura como sendo uma gigantesca crise histórica A carência de uma nova concepção de "razão" e, conseqüentemente, de conhecimento (epísteme), em reformulações ainda não efetivadas, dão margem a estes descaminhos, refletindo o atordoamento geral<sup>7</sup>

O que a mim se configura preocupante - de tal modo a gerar uma séria "angústia" - é a tendência atual na "Geografia" que se faz no Brasil - proclamada enfaticamente como "Ciência Social", completamente desvinculada da natureza Insiste-se na importância da "justiça social" como meta, enquanto nosso esforço de desenvolvimento esquece nossa condição de "tropicalidade" e, obcecado pela estrutura econômica globalizada no capitalismo e o poder mundial lança o Brasil - como de resto toda a América Latina - num discurso geográfico que é um impotente "muro de lamentações". O desprezo por nossa realidade natural obscurece as possibilidades que nos são inerentes - a energia solar no Nordeste, a magnitude da

biodiversidade amazônica - sobre as quais, se penetrássemos efetivamente nelas - no seu estudo e exploração racional - seria base de tecnologias capazes de queimar etapas e encurtar caminhos para um desenvolvimento que, sem visar às rédeas do poder mundial, nos permitisse a dignidade que aspiramos.

É de lamentar-se que deixemos o nosso lado de ciência natural para reforçar o já enorme e inoperante cortejo de sociólogos lamurientos, de perplexos e desorientados economistas e políticos anacrônicos.

Ressalto aqui um trecho do prefácio de Sternberg onde, a meu ver, repousa aquilo que - em meio a toda a dinâmica do espectro de mudanças ocorridas no Mundo, representa a permanência essencial de nossa Geografia.

*As acomodações que se fazem necessárias no modo de trabalhar não implicam rejeição do conteúdo da geografia, nem esquecimento de sua singela função integradora e, com isso, em abandono das tarefas primordiais de sua pesquisa Efetivamente, um fator que, em face da multiplicidade dos ramos da geografia, tem contrariado tendências centrífugas, é o reconhecimento de que ela é ponte, com um encontro nas ciências naturais e outro nas humanas Esta é a condição que talvez mais nitidamente caracteriza a disciplina: sua preocupação, dentro de um contexto espacial, com problemas que se enquadram simultaneamente nas duas grandes divisões da ciência. Existe um domínio de estudo - e um só - que é da competência da geografia - e dela só Há assuntos*

*de investigação geográfica que se encontram nas raias da disciplina, onde é sempre maior a colaboração interdisciplinar e, portanto, a permeabilidade de fronteiras São temas que podem ser abordados por outros ramos do saber, como a geologia, a geofísica, a sociologia, a antropologia, a biologia, a ciência política e a economia O que de maneira inconcussa justifica a existência autônoma da geografia - melhor, o que a torna indispensável - e, em nosso juízo, o pensamento holístico, quando enfoca a interface entre as sociedades humanas e o meio ambiente É aí que está a "raison d'être" da geografia (p xxix).*

É precisamente este vínculo que mantém a sintonia benéfica entre o mestre e o discípulo E produz o conforto de uma influência que não produz a angústia apontada por Bloom no caso dos poetas.

E será necessário ressaltar que, felizmente, os geógrafos brasileiros vêm demonstrando sinais de reação aos exageros de uma Geografia "demasiado humana" Esta vertente, que se proclama legítima e verdadeira, engrossando as fileiras do "social", bafejado pelos fluxos ideológicos, promotores de mais aparente "sucesso" e "aceitação" que a Geografia Física

Acredito que, a reedição da tese de Sternberg chega em boa hora Estou certo que sua divulgação, neste conturbado momento histórico, além de modelar para o conhecimento da Amazônia, é do maior significado metodológico para a Geografia que se faz no Brasil, nesta crise de embaralhadas sendas epistemológicas.

<sup>6</sup>O autor refere-se às geografias "feminista", "homossexual", em meio a outros arroubos contemporâneos

<sup>7</sup>Já tive ensejo de abordar, no ensaio Travessia da Crise: tendências atuais na geografia (1988) MONTEIRO Carlos Augusto de Figueiredo alguns aspectos desses eventos desagregativos

## Bibliografia

- ALDAZ, L. *Caracterização parcial do regime de chuvas no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Meteorologia; Recife: SUDENE. OMN, 1971. (Publicação n. 14)
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Apresentação de Arthur Nestrowski. São Paulo: Mago, 1973. Tradução de The anxiety of influence
- DAVIS, William Morris. The geographical cycle. *Geographical Journal*, London, v. 14, p. 481-504, 1899
- FEYERABEND, Paul K. *Against method*: outline of an anarchistic theory of knowledge. London: NLB, 1975
- FOX, Cyril. *The personality of Britain*. 4th ed. Cardiff: Museum of Wales, 1947. 1st ed. 1932
- KUHN, Thomas. *The structure of scientific revolutions*. 2nd ed. enl. Chicago: The University of Chicago Press, 1962. (International Encyclopaedia of Unified Science) v. 2, n. 2
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O clima e a organização do espaço no estado de São Paulo*: problemas e perspectivas. São Paulo: USP, Instituto de Geografia, 1976. 54 p. (Teses e monografias, n. 28)
- \_\_\_\_\_. *Geossistema*: a história de uma procura, 1994
- \_\_\_\_\_. *A questão ambiental no Brasil 1960-1980*. São Paulo: USP, Instituto de Geografia, 1981. 133 p. (IGEOP-USP Série teses e monografias, n. 42)
- \_\_\_\_\_. Travessia da crise: tendências atuais na geografia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 50, t. 2, p. 127-150, 1988. Número especial.
- SAUER, Carl O. The personality of Mexico. *The Geographical Review*, New York, v. 31, n. 3, p. 353-364, July 1941
- SCHMIDT, José Carlos Junqueira. Clima da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 3, p. 465-500, jul./set. 1942
- SERRA, Adalberto, RATISBONNA, Leandro. *Ondas de frio da bacia amazônica*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Meteorologia, 1941. Transcrito no Boletim Geográfico [do] IBGE, Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 173-206, maio 1945
- STERNBERG, Hilgard O'Reilly. *A água e o homem na várzea do Careiro*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1956. 330 p. Tese (Doutorado e Geografia do Brasil) - Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil, 1956
- \_\_\_\_\_. Enchentes e movimentos coletivos do solo no vale do Paraíba em dezembro de 1948: influência da exploração destrutiva das terras. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 2, p. 223-261, abr./jun. 1949
- WAIBEL, Leo Henrich. A teoria de Von Thünen sobre a influência da distância do mercado relativamente à utilização da terra: sua aplicação à Costa Rica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1, p. 3-40, jan./mar. 1948